

O presente trabalho visa a leitura crítico-interpretativa de uma fase da obra de João Cabral em contraponto com o surrealismo. No livro acima mencionado aparece o surrealismo como elemento e não como ideal, no sentido de que o autor não incorpora a lei, o esteticismo (selvagem) inerente ao termo, preferindo antes, uma poesia que faça referência ao estado do homem, enquanto contingência, sem distanciar-se da realidade. A realidade aparece em imagens que surgem a partir da justaposição de diferentes visões, sendo que esse automatismo traz como consequência a unidade rítmica. Surge então um elemento novo para a compreensão da poesia cabralina, sendo não mais mera contemplação, mas aparecendo como elemento transfigurador da realidade, conceito que seria posteriormente ampliado por João Cabral no ensaio "Da função Moderna da Poesia". Essa transformação das estruturas da realidade, onde convivem elementos contrários lado a lado, ou onde há a condensação de dois ou mais objetos ou imagens, modifica o valor simbólico de tais objetos-imagens. Esses fundem-se em uma espécie de realidade absoluta ou sobre-realidade, onde já não distingue-se sonho e realidade. Nesta etapa de criação em João Cabral, a poesia surge desse alargamento de espaço, onde o antagônico confere força à expressão dos movimentos do ser vivo, como que captado em sua origem.